

IMPACTOS DA PANDEMIA DE COVID 19 SOBRE A VIOLENCIA CONTRA A MULHER: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Maria da Glória Queiroz Santos Leal ¹
Jairo Domingos de Morais ²

RESUMO

Objetivo: Investigar sobre os impactos da pandemia de Covid 19 sobre a violência contra a mulher. **Método:** O tipo de estudo utilizado foi uma Revisão Integrativa da Literatura, em que se buscou artigos publicados nas bases de dados encontrados na Biblioteca Virtual em Saúde como: Scientific Electronic Library Online, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde. Para a seleção dos artigos foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: artigos no idioma português, inglês e espanhol, artigos publicados nos últimos 2 anos (2020 e 2021) e artigos relacionados à temática. Foram excluídas as produções de dissertações, monografias, editoriais, manuais, livros, capítulos de livros, artigos repetidos em duas ou mais bases de dados e que não estejam disponíveis na íntegra. Para localização dos artigos nas referidas bases de dados, foram selecionados os descritores relacionados ao tema: Gestão em Saúde, Violência contra a Mulher, Pandemia, COVID-19. **Resultados e Discussão:** Após serem analisados foram escolhidos 7 artigos como amostra final desta Revisão integrativa, sendo que na base de dados LILACS foi encontrado 1 artigo, na Pubmed 1 artigo e na base Scielo 5 artigos, dos quais atendiam rigorosamente aos critérios estabelecidos e a objetividade do estudo. Esse estudo mostrou muitas questões que merecem ser destacadas e estudadas de uma forma mais abrangente. Foi constatado que o isolamento social devido a pandemia impactou a vida da população em geral, nos aspectos sociais e econômicos, principalmente no caso de violência contra a mulher, que se observou uma queda no número de denúncias. Esse isolamento deixou a mulher mais próxima do abusador, sendo mais difícil a procura de ajuda, como também houve espaços que não ficaram abertos para ajudá-las. **Conclusão:** Fica evidente a importância dessa temática da violência contra as mulheres, sendo um objeto de estudo muito contemporâneo para os campos de saúde, tornando-se cada vez mais presente em suas produções científicas. Recomenda-se aos órgãos responsáveis e, principalmente a gestão de saúde, para a realização de investigações em locais que atendem as mulheres, buscando saber se realmente estão realizando o seu papel.

Palavras-chave: Gestão em Saúde, Violência contra a Mulher, Pandemia, COVID-19.

ABSTRACT

Objective: To investigate the impacts of the Covid 19 pandemic on violence against women. **Method:** The type of study used was an Integrative Literature Review, in

¹ Discente do curso de Especialização em Gestão em Saúde da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

² Orientador do curso de Especialização em Gestão em Saúde da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

which articles published in the databases found in the Virtual Health Library were sought, such as: Scientific Electronic Library Online, Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences. For the selection of articles, the following inclusion criteria were used: articles in Portuguese, English and Spanish, articles published in the last 2 years (2020 and 2021) and articles related to the topic. The production of dissertations, monographs, editorials, manuals, books, book chapters, articles repeated in two or more databases and that are not available in full were excluded. To locate the articles in these databases, descriptors related to the topic were selected: Health Management, Violence against Women, Pandemic, COVID-19. **Results and Discussion:** After being analyzed, 7 articles were chosen as the final sample of this integrative review, and 1 article was found in the LILACS database, 1 article in Pubmed and 5 articles in the Scielo database, which strictly met the established criteria and objectivity of the study. This study showed many issues that deserve to be highlighted and studied in a more comprehensive way. It was found that social isolation due to the pandemic impacted the life of the population in general, in social and economic aspects, especially in the case of violence against women, where there was a drop in the number of complaints. This isolation brought the woman closer to the abuser, making it more difficult to seek help, and there were also spaces that were not open to help them. **Conclusion:** The importance of this theme of violence against women is evident, being a very contemporary object of study for the health fields, becoming increasingly present in their scientific production. It is recommended to responsible bodies, and especially health management, to carry out investigations in places that serve women, seeking to know if they are really performing their role.

Keywords: Public Policy, Violence against Women, Pandemic, COVID-19.

1 INTRODUÇÃO

O advento do capitalismo trouxe para a sociedade grandes mudanças como por exemplo: a alteração do modelo de família, pois não estava mais coincidindo com as novas formas de reorganização do processo produtivo e, com isso, houve mudança nos valores e costumes sociais. Para Oliveira (2009) ocorreu uma verdadeira revolução que modificou o modo de pensar em relação aos costumes, a sexualidade, a casamento, como também afetou de forma marcante o padrão de família.

Foi a partir do avanço no capitalismo que, de forma concreta, iniciou a entrada da mulher no mercado de trabalho. Assim, nesse momento deu início ao que se define por divisão de valores entre o mundo da produção e o mundo doméstico. Porém, mesmo com esse avanço ainda percebia – se que as mulheres estavam

desiguais em relação aos seus direitos quando se comparado aos homens, pois era verificado a existência de preconceitos e discriminação.

Atualmente, mesmo com todo o crescimento e evolução da sociedade, ainda permanece a relação de dominação de homens em relação a mulheres, na qual ainda matem –se a visão de que os homens são os provedores e chefes do lar. Mesmo sabendo que já se observa a alteração dessa forma de organização familiar, esse comportamento patriarca ainda está arraigado em nossa sociedade, que se baseia em explicações verdadeiras justificadas por cunho filosóficos, religiosos ou científicos, reforçando que os homens são diferentes das mulheres e, com isso, os homens seriam mais fortes, devendo as mulheres ser subordinada a eles (STOLZ, 2013).

A pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), causador da doença COVID-19, tem alterado a rotina de grande parte das pessoas. Devido a isso, diversas ações e medidas para conter a sociedade e combater essa pandemia foram realizadas, podendo destacar o isolamento social. Porém, estudos estão mostrando que esse isolamento causou um aumento da violência contra a mulher em diferentes países, como China, Estados Unidos e Brasil, por exemplo (GOLFIERI; ANDRIAN, 2020; GODIN, 2020). Segundo dados do disque 180 houve um aumento aproximado de 17% no número de ligações com denúncias de violência contra a mulher durante esse período (GALVANI, 202

A violência contra a mulher é reconhecida como um grande problema mundial de saúde. No Brasil, além de alta magnitude, sabe-se que seus episódios tendem a ser graves e repetitivos, tornando, muitas das mulheres, usuárias de alta frequência dos serviços de saúde (DUTRA et al., 2013; DURAND; SCHRAIBER et al., 2007). Neste sentido, existem cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher previstos na Lei nº 11.340/2006, sendo elas, a física, psicológica, moral, sexual e patrimonial (BRASIL, 2006) sendo muito evidenciado no período de pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e distanciamento social.

A gestão do SUS tem como principais funções o compromisso com o combate às doenças, às condições desfavoráveis e a resolução de problemas que afetam a saúde do indivíduo, dentre elas encontra-se a violência contra a mulher. Sabe-se que é um processo delicado, pois intervém no processo de vida da mulher e seus familiares, mas, tendo uma boa gestão é capaz de identificar, notificar, prevenir e

atender os casos de violência, além de proporcionar todo o cuidado e acompanhamento à mulher (COELHO et al., 2014).

Um gestor em saúde é aquele profissional que organiza e prepara toda uma equipe ou instituição, tendo como foco o zelo pela missão, visão e pelos valores da organização. Por isso, o autor Paulo Junior (2013, p. 12) cita que “gestores têm uma participação significativa no que se refere aos rumos do sistema de saúde, já que participam das decisões tomadas e têm sob seu comando os profissionais que prestam cuidados à população”.

A Gestão em Saúde detém um lugar específico na produção da assistência da saúde da mulher, os gestores não podem ser alguém com interesses ou crenças pessoais próprias, agindo apenas com base em recomendações. Assim, são poucos os gestores dos serviços de saúde que compreendem o enfrentamento da violência contra a mulher como se fosse algo de seu papel, como também são poucos os que conhecem normas e Leis sobre essa atuação. Por isso a importância de se falar sobre o assunto, no intuito de mostrar o real papel da gestão em saúde (BATISTA; SCHRAIBER; D’OLIVEIRA, 2018).

Diante do exposto, buscar-se-á desenvolver pesquisa monográfica que responda ao seguinte questionamento: quais os impactos causados devido a pandemia sobre a violência contra a mulher? Portanto, o objetivo geral desse estudo é verificar os impactos causados devido a pandemia nos casos de violência contra a mulher e descrever os principais fatores envolvidos nessa violência.

2 METODOLOGIA

O tipo de estudo utilizado foi uma Revisão Integrativa da Literatura. Na visão de Souza, Silva e Carvalho (2010) esse tipo de revisão é mais ampla e possui uma rigorosa abordagem metodológica, onde permite a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. Combina também dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos.

Vale ressaltar que para realizar este tipo de estudo se faz necessário um rigor metodológico e uma clareza na apresentação dos resultados, fazendo com que

o leitor identifique as características dos estudos incluídos na revisão.

No tocante aos fins, a pesquisa classificou-se como exploratória, pois como afirma Gil (2010, p. 14) proporciona maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Quanto à abordagem a pesquisa é qualitativa, enfatizando a compreensão e a interpretação do tema, atribuindo significado aos dados coletados.

Com o intuito de responder os problemas descrito acima, foram realizados procedimentos de busca via internet para acessar as seguintes bases de dados: Pubmed, Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências e Saúde (LILACS). Para localização dos artigos nas referidas bases de dados, foram selecionados os descritores relacionados ao tema: Gestão em Saúde, Violência contra a Mulher, Pandemia, COVID-19, todas disponíveis no Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Foi possível realizar o cruzamento dos descritores, por meio da utilização do operador booleano AND, seguindo da seguinte forma: Gestão em saúde AND Pandemia; COVID-19 AND Violência contra a mulher; Gestão em saúde AND Violência contra a mulher.

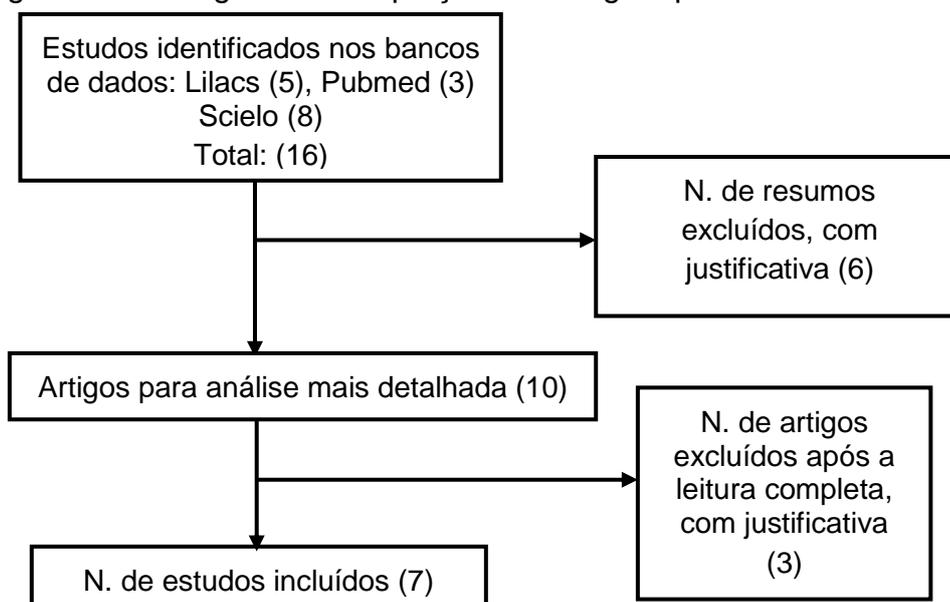
Para a seleção dos artigos foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: artigos no idioma português, inglês e espanhol, artigos publicados nos últimos 2 anos (2020 e 2021) e artigos relacionados à temática. O período escolhido é inerente ao momento de pandemia vivenciado mundialmente e escolha situacional do trabalho. Foram excluídas as produções de dissertações, monografias, editoriais, manuais, livros, capítulos de livros, artigos repetidos em duas ou mais bases de dados e que não estejam disponíveis na íntegra.

Para análise dos dados, realizou-se várias etapas para poder escolher os artigos finais que se enquadram nos critérios adotados. No primeiro momento foi feita a leitura dos títulos, excluindo os que não estavam condizentes com o tema deste trabalho (filtragem). No segundo momento foi feita a leitura dos resumos que restaram da primeira etapa, e assim, foram excluídos os que não tinham os critérios de inclusão definidos anteriormente (mapeamento da amostra). O último momento foi a leitura de todo o artigo destacando as partes mais interessantes dos resultados de cada trabalho (estudos elegíveis).

3 RESULTADOS

Durante o processo de busca foram encontrados no total das bases de dados 16 estudos publicados. Após serem analisados e lidos foram escolhidos 7 artigos como amostra final desta Revisão Integrativa, sendo que na base de dados Pubmed foi encontrado 1 artigo, LILACS foi encontrado apenas 1 artigo e na base Scielo 5 artigos, como se pode ver no fluxograma da Figura 1.

Figura 1 – Fluxograma da captação dos artigos que serão selecionados



Fonte: Autora (2021).

O Quadro 1 abaixo mostra os 7 artigos encontrados caracterizando por autor, ano e título.

Quadro 1 - Caracterização dos artigos conforme autor, ano e título.

COD.	AUTOR	ANO	TÍTULO
A1	Barbosa et al.	2020	Interseccionalidade e outros olhares sobre a violência contra mulheres em tempos de pandemia pela covid-19
A2	Bezerra et al.	2020	Violência contra as mulheres na pandemia do COVID-19: Um estudo sobre casos durante o período de quarentena no Brasil
A3	Campos, Tchalekian e Paiva	2020	Violência contra a mulher: Vulnerabilidade programática em tempos de SARS-COV-2/ COVID-19 em São Paulo

A4	Santos et al.	2020	Impactos da pandemia de COVID-19 na violência contra a mulher: reflexões a partir da teoria da motivação humana de Abraham Maslow
A5	Vieira, Garcia e Maciel	2020	Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?
A6	Caus et al.	2021	Estudo comparativo das notificações da violência contra a mulher antes e durante a pandemia do covid-19 no planalto norte catarinense
A7	Batista, Schraiber e D'Oliveira	2018	Gestores de saúde e o enfrentamento da violência de gênero contra as mulheres: as políticas públicas e sua implementação em São Paulo, Brasil

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

No caso da caracterização por tipo de pesquisa, da amostra e dos resultados evidenciados, o Quadro 2 mostra esses dados de forma resumida.

Quadro 2 – Caracterização dos artigos conforme código, tipo de pesquisa, amostra e resultados

COD.	TIPO DE PESQUISA	AMOSTRA	RESULTADOS EVIDENCIADOS
A1	Estudo descritivo e exploratório	Dados publicados sobre violência contra a mulher em 2020	Evidenciou-se que o aumento da violência contra a mulher durante a pandemia pode ser entendido como tensionamento entre a resistência ao racismo, ao sexismo e as desigualdades construídas pelo capitalismo
A2	Estudo descritivo e documental	Utilizou dados do Instituto Santos Dumont de 2020	Lesão corporal +34,1%; Ameaças +54,3%; Estupros +100 % e Femicídios cresceram 300%. Os Resultados demonstraram que as mulheres continuam vítimas dos mais diversos tipos de crimes e, que esses têm se intensificado nesse período de isolamento social.
A3	Pesquisa-intervenção	Entrevistas semiestruturadas com profissionais que atuam na linha de frente de serviços da Rede de Enfrentamento à Violência	Foi destacado como a crise sanitária ampliou e intensificou a sinergia de violências coproduzidas pela crescente vulnerabilidade social
A4	Estudo do tipo reflexivo		Os caminhos para serviços

	com análise documental		referência à violência baseada em gênero deve ser atualizados para refletir as mudanças nas estruturas de acolhimento disponíveis. O presente estudo demonstrou que a pandemia da COVID-19 pode afetar a mulher que sofre violência doméstica em todos os níveis hierárquicos da pirâmide de Maslow.
A5	Estudo do tipo reflexivo com análise documental	Foram analisados dados, ainda incipientes, publicados pela imprensa de diversos países	O enfrentamento à violência contra a mulher no contexto da pandemia não pode se restringir ao acolhimento das denúncias. Esforços devem ser direcionados para o aumento das equipes nas linhas diretas de prevenção e resposta à violência
A6	Estudo documental, descritivo e quantitativo	Utilizou o Sistema de Notificação de Agravos oficial acessados no site da Diretoria de Vigilância Epidemiológica estadual	Houve diminuição da notificação de casos, que sugere dificuldade da vítima em buscar ajuda. Por isso há necessidade de um olhar diferenciado para o problema, com estratégias inovadoras e profissionais capacitados para o enfrentamento do problema.
A7	Entrevistas semiestruturadas	32 gestores em saúde	Conclui-se que os gestores, como agentes de práticas, são influenciados pelas estruturas e crenças vigentes, pela referência ao contexto sócio-histórico a que estão inseridos para tomadas de decisão de gestão.

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

4 DISCUSSÃO

Segundo dados da ONU mulheres (Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres) afirmou que depois da introdução de medidas de isolamento social devido a propagação da COVID-19, quatro bilhões de pessoas em todo o mundo estão se abrigando em casa. Com essa quarentena, começa-se a ouvir que um dos efeitos da pandemia é o aumento na violência contra as mulheres, de forma especial a violência doméstica realizada pelos próprios parceiros, pois as mulheres agora estão “presas” em casa com seus agressores (BARBOSA et al., 2020).

Em outros países como Reino Unido, por exemplo, as denúncias contra abuso contra mulheres cresceram 65%, acompanhados por aumento de registros também nos Estados Unidos, na Austrália e na França. Nesse mesmo contexto, a Índia durante a primeira semana de quarentena dobrou as estatísticas de violência doméstica. Na França, os casos cresceram em um terço na primeira semana de confinamento, de acordo com autoridades. Em relação a procura por apoio, a Austrália verificou um aumento de 75% em buscas na internet relacionadas ao apoio às mulheres em situação de violência doméstica (BARBOSA et al. 2020).

É evidente destacar que essa pandemia não é simplesmente um problema de saúde pública, ela é considerada como um choque social profundo, no qual as mulheres estão no centro dos esforços de atendimento e resposta em andamento. É dever do Estado reconhecer que a violência está emergindo agora como uma característica sombria dessa pandemia da COVID-19. É dever a garantia de seus direitos como fatores essenciais para a minimização ou erradicação desses casos (BEZERRA et al., 2020).

Na visão de Barbosa et al. (2020) o fato das mulheres estarem confinadas em suas casas aumenta mais ainda no ambiente doméstico as formas de violência que são vivenciadas por elas na sociedade, o que torna mais evidente e faz emergir esse fenômeno como uma questão de gênero, sendo que está intimamente ligada as estruturas patriarcais, que se manifestam através do sexismo e machismo.

Um estudo feito pela Secretaria de Segurança de São Paulo, divulgado em 15 de abril de 2020, concluíram que os assassinatos de mulheres em casa dobraram nessa cidade durante quarentena pela COVID-19. Além disso, foi levantado pelo Ministério Público de São Paulo que os pedidos de medidas protetivas de urgência feitas pelas mulheres aumentaram 29% no mês de março de 2020, comparado com o mês de fevereiro do mesmo ano. Foi visto também que o número de prisões em flagrante por violência contra a mulher (homicídio, ameaça, constrangimento ilegal, cárcere privado, lesão, estupro, etc.) também aumentou de 177 no mês de fevereiro para 268 em março de 2020 (MARIANI; YUKARI; AMÂNCIO, 2020).

Segundo Bezerra et al. (2020) todo o suporte social como creches, escolas, estabelecimentos religiosos, serviços de proteção à mulher como delegacias e centros de referência à violência doméstica tiveram que fechar nessa pandemia. Tudo isso contribuiu para o aumento do risco para aquelas mulheres que estão trancadas em casa com seus agressores, pois impediu de obterem algum tipo de

auxílio ou apoio social. Os atendimentos nas Unidades Básicas de Saúde, nesse período, priorizaram, sobretudo em comunidades mais vulneráveis, os casos da COVID-19, o que pode gerar uma carência no atendimento a outras questões de saúde como o acompanhamento de grávidas e pessoas de doenças crônicas.

Já Bezerra et al. (2020) descreveram em seu estudo quatro fatores de riscos listados pelos órgãos oficiais e corroborados por Melo et al. (2020), que são: (I) estresse econômico; (II) redução de acesso às redes socioafetivas; (III) limitação de acesso aos tratamentos de saúde mental; e (IV) problemas limitantes inerentes a deficiências já existentes no sistema de saúde público.

Acrescentando a temática, Caus et al. (2021) citaram em relação as notificações dos casos no Norte Catarinense que também foi evidenciado uma diminuição na maioria dos municípios, comparando o antes com o depois da pandemia, o que não significa uma redução efetiva nos casos de violência contra a mulher. Vários estados brasileiros apontam para o aumento de casos a partir de denúncia de vizinhos, pelo fato de a mulher não conseguir pedir socorro diante da vigilância acirrada de seus agressores. Além disso, os autores também citam os atendimentos nos serviços de saúde terem restringido os atendimentos e notificações diante dos desafios impostos pela desconhecida pandemia do Covid-19 o que ocasionou menos denúncias.

Sobre os principais motivos que impactam na violência familiar, os autores Melo et al. apud Bezerra et al. (2020, p. 481) elencaram como principais:

- I. A mulher ter pouco contato com seus amigos e familiares: esse afastamento favorece a ocorrência de situações de violência;
- II. Homem ou mulher pode ter os valores financeiros limitados por algum motivo: isso ocasiona o aumento do estresse, de conflitos e casos de violência;
- III. Agressores podem usar das restrições para aumentar o controle de suas parceiras: dessa forma limita as suas chances de procurar apoio e proteção contra possíveis situações de violência;
- IV. Aumento do consumo de substância alcoólicas ou ilícitas durante a quarentena: pode elevar as chances de ocorrer violência contra as mulheres;
- V. O fato do acesso aos órgãos públicos estarem limitados por causa das medidas restritivas para evitar a propagação do coronavírus: reduz as chances da mulher obter apoio ou proteção estatal; e
- VI. Fatores como condição financeira, classe social, idade, cor da pele, orientação sexual e gênero: deixam certas mulheres mais suscetíveis a serem vítimas de violência, e, por vezes, impedem que está se distancie dos agressores por falta de apoio ou recursos.

Portanto, mesmo com as Leis em vigor, como o caso da Lei Maria da Penha, que nela estão previstos cinco tipos de violência doméstica e familiar contra a mulher: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial, no entanto a violência de gênero ainda é uma realidade que, com isolamento social e com os agravos causado pelo distanciamento aumentou ainda mais os casos de violência contra a mulher. Acredita-se que isso ocorre por conta das heranças do patriarcalismo, pois o homem ainda tem o desejo de controlar a mulher, causando situações conflitantes e estressoras, e em alguns casos a morte em razão dessa necessidade de imposição de poder. .

Campos, Tchalekian e Paiva (2020, p.9) em seu estudo descreveu a partir das entrevistas feitas com profissionais da linha de frente contra a violência da mulher que, devido a quarentena, os protocolos de atendimento em todos os serviços foram gradualmente modificados e reduzidos. Os autores citaram três modificações que foram destacadas pelas entrevistadas:

- (a) os acolhimentos presenciais se mantiveram apenas para casos novos, situações de violência física que aconteceram recentemente (no dia, ou em dias anteriores), para garantir orientação e apoio para realizar Boletim de Ocorrência ou solicitar medida protetiva, para atender mulheres que sofreram a violência e não têm pra onde ir, e mulheres que estão com o agressor em casa;
- (b) o monitoramento à distância de casos que já eram acompanhados pelo serviço passou a ser feito por telefone ou *Whatsapp*;
- (c) as medidas de distanciamento físico foram tomadas no espaço do serviço, como afastamento de mobiliário, número de pessoas permitidas no espaço, uso de máscaras e higienização recorrente das mãos.

Em relação aos atendimentos, as entrevistadas por Campos, Tchalekian e Paiva (2020) foram unânimes ao dizerem que a procura das mulheres pelos serviços de acolhimento diminuiu significativamente desde o início da pandemia em contraste com os dados que apontam para um aumento no número de denúncias e de casos de feminicídio, pois segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, os casos de feminicídio aumentaram 41,4% durante o período de quarentena em todo o estado de São Paulo (SEC, 2020). Logo, percebe-se que as mulheres, por algum motivo pessoal, não estão à procura de serviços e espaços de proteção para serem escutadas e obterem ajuda, como também ao fato de muitos locais de ajuda estarem fechados ou com atendimento reduzido durante a quarentena.

Ainda nesse aspecto, Claus et al. (2021) citaram que dentre os principais tipos de violência sofrido pela mulher, a psicológica é constantemente subnotificada,

ela ocorre muitas vezes antes de qualquer outro tipo de violência, sendo classificada como à base da violência doméstica, é menos visível, pois não fica marcas físicas que possam ser vistas e comprovadas para denunciar tal situação em que a mulher se encontra.

Portanto, fica evidente que, para esses casos de isolamento social, o fato das mulheres não poder contar com o acesso integral ou até parcial as Redes de apoio das Instituições e dos Equipamentos que, via de regra, atendiam esses casos de violência, as mulher tiveram uma maior dificuldade em denunciar e de encontrar apoio que de fato fosse efetivo.

Já Santos et al. (2020) descreveram que as mulheres que sofrem violência doméstica (especialmente em tempos de pandemia, pela reclusão com o agressor) têm vivido uma complexa absorção para si da forma com que são vistas e tratadas pelos agressores, o que dificulta que elas obtenham seus melhores potenciais e percebam que podem se tornar mulheres de transformação, não apenas de si mesmas e daquilo que vivem, mas também do seu entorno e das situações de vida que outras mulheres também passam por esse tipo de violência. Ficam assim, sem potencial para transcender e modificar o modo de viver atual, deixando de confiar em novos e melhores cenários. A pandemia de COVID-19, portanto, representa um empecilho à autorrealização da mulher vítima de violência de gênero.

Batista, Schraiber e D'Oliveira (2018) entrevistaram gestores em saúde, relataram a falta de acesso à algum treinamento de sensibilização ou processos de capacitação sobre os temas da violência contra a mulher e dos direitos humanos, relatando ser um obstáculo que soma à ignorância pela falta de ferramentas, pois muitas vezes, não sabem o que fazer. A maioria conhece ou ouviu falar sobre as Leis e normas técnicas da violência contra a mulher, o que dificultado mais ainda a implementação das ações práticas para enfrentamentos desses casos de violência. Por isso a importância de mostrar e apresentar aos gestores de saúde esses ensinamentos, mudando assim sua visão.

O estudo de Paula Junior (2013) apresentou uma pesquisa realizada com alguns profissionais da gestão do SUS que relataram sobre os maiores entraves para se trabalhar na rede pública e na área da violência. Os resultados mostraram que há vários problemas, como citaram: a precariedade e disputa de recursos para investimento, as dificuldades de treinamentos e capacitações de profissionais, falta de articulação e integração dos serviços que compõem a rede de atendimento,

deficiência de uma intervenção qualificada para atender à vítima, estão entre os mais recorrentes.

Foi citado por Vieira, Garcia e Maciel (2020) ações realizadas devido a pandemia do Covid-19 pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) que lançou plataformas digitais dos canais de atendimento da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos (ONDH), o aplicativo Direitos Humanos BR e o *site* ouvidoria.mdh.gov.br, que também poderão ser acessados nos endereços disque100.mdh.gov.br e ligue180.mdh.gov.br. É através desses canais que as vítimas, familiares, vizinhos, ou mesmo desconhecidos poderão enviar fotos, vídeos, áudios e todo tipo de documento que comprove alguma situação de violência doméstica e outras violações de direitos humanos.

Porém, sabe-se que nem todos tem acesso a internet ou mesmo não tem conhecimento desses tipos de canais, Esforços precisam ser direcionados para aumentar as equipes nas linhas diretas de prevenção e resposta à violência, bem como para divulgação desses serviços disponíveis, colocar trabalhadores da saúde qualificados que entendam e consigam identificar situações de risco, de modo a não reafirmar orientação para o isolamento doméstico nessas situações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É evidente que a Lei Maria da Penha, de forma inquestionável, vem alavancando e modificando os avanços em relação as questões jurídicas do Brasil, quando se trata de violência contra a mulher. Mulheres que lutavam e lutam por seus direitos e por justiça e pelo fim da impunidade dos crimes cometidos contra elas. Dessa forma, concluiu-se nesse estudo que esta Lei trouxe uma realidade diferente do passado. A Lei 11.340/2006 foi um divisor de águas que veio para coibir e prevenir toda forma de violência contra a mulher.

No entanto, esse estudo mostrou muitas questões que merecem ser destacadas e estudadas de uma forma mais abrangente. Foi constatado que o isolamento social devido a pandemia impactou a vida da população em geral, nos aspectos sociais, econômicos e principalmente no caso de violência contra a mulher, pois foi se observou uma queda no número de denúncias. Esse isolamento deixou a mulher mais próxima do abusador, sendo mais difícil a procura por ajuda, como

também houve o fechamento e redução de atendimento dos espaços que antes serviam como apoio para ajuda lá obtenção dos direitos e proteção.

Os serviços de saúde são responsáveis pela assistência integral que é necessária para mulher que sofre violência e também por realizar ações de prevenção. Porém, mesmo diante de suas estratégias, ainda se percebe que a violência no âmbito da saúde encontra-se “invisível”, pois parece que ainda não se há uma prática consolidada de forma efetiva e pactuada entre todos os profissionais de saúde da atenção básica e gestores de saúde do SUS.

Portanto, ainda se observa falhas em decorrência da falta de capacitação e de funcionários especializados na área de Assistência contra a violência a mulher, dificultando o andamento e a solução dos casos e sem a priorização real desse apoio humanizado. Finalizando podem-se citar a falta de instituições de auxílio para casos de violência que seja mais próxima do território em que esta mulher reside, sendo uma das causas de subnotificações, principalmente na pandemia da covid 19.

Fica evidente a importância dessa temática da violência contra a mulher, sendo um objeto de estudo muito contemporâneo para os campos de saúde, tornando-se cada vez mais presente em suas produções científicas. Recomenda-se aos órgãos responsáveis para a realização de investigações em locais que atendem as mulheres, buscando saber se realmente estão realizando o seu papel a contento, além de uma escuta qualificada para fins de um atendimento mais humanizado. E, a partir dessa análise, sugerirem medidas eficientes ao combate a esse tipo de violência e a promoção da qualidade de vida e saúde dessas mulheres vítimas de violência.

A Gestão em Saúde, é uma esfera de atuação que guarda uma certa autonomia, principalmente na realização de políticas, não sendo uma dimensão homogênea do trabalho em saúde, mas sendo muito importante para que se reconheçam as diferentes situações. Por isso, a Gestão em Saúde enfrenta alguns obstáculos relacionados à incorporação do tema da violência na agenda da política pública de saúde, como também da capacitação de profissionais de saúde pois sabe-se que muitos ainda não sabem lidar com tal situação, por isso a necessidade de mais engajamento dos profissionais de gestão para que compreendam seu real papel.

O primeiro passo no enfrentamento é entender que o problema é complexo e precisa de diferentes atores envolvidos para a busca de uma solução que contemple

a resolutividade em tempo hábil. Vale destacar a importância do engajamento da sociedade enquanto cidadãos e que, portanto, tem direito a voz ativa. Vale ressaltar que para quebrar o ciclo de violência que muitas vezes pode durar de um a sete anos, a mulher passa por cenários de diversas violações de direitos e que por conta disto fica muito difícil sair desse ciclo sozinha. Soluções de curto prazo tais como: divulgação de canais de denúncia e de suporte, para que a mulher tenha a integração dos serviços essenciais como; farmácias e supermercados, possibilitando que a mulher tenha livre acesso em casos de conseguir denunciar nos Equipamentos ligados a justiça, são medidas plausíveis e simples, que podem ajudar nesse processo de busca por proteção das mulheres.

5 REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jeanine Pacheco Moreira; et al. Interseccionalidade e outros olhares sobre a violência contra mulheres em tempos de pandemia pela COVID-19. **Scielo preprints**, 2020.

BATISTA, K. B. C.; SCHRAIBER, L. B.; D'OLIVEIRA, A. F. P. L. Gestores de saúde e o enfrentamento da violência de gênero contra as mulheres: as políticas públicas e sua implementação em São Paulo, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, v.34, n.8, 2018.

BEZERRA, Catarina Fernandes Macêdo; et al. Violência contra as mulheres na pandemia do COVID-19: Um estudo sobre casos durante o período de quarentena no Brasil. **Rev. Mult. Psic.** V.14, N. 51 p. 474-485, 2020.

BRASIL, Presidência da República. **Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 25/07/2021.

CAMPOS, Brisa; TCHALEKIAN, Bruna; PAIVA, Vera. Violência contra a mulher: vulnerabilidade programática em tempos de SARS-COV-2/ COVID-19 em São Paulo. **Rev. Psicologia & sociedade**, v. 32, 2020.

CAUS, Eliz Cristine Maurer; et al. Estudo comparativo das notificações da violência contra a mulher antes e durante a pandemia do covid-19 no planalto norte catarinense. **Saúde Meio Ambient.** v. 10, p. 102-117, 2021.

COELHO, E. B. S.; BOLSONI, C. C.; CONCEIÇÃO, T. B. **Políticas públicas no enfrentamento da violência.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

DURAND J. G.; SCHRAIBER L. B. Violência na gestação entre usuárias de serviços públicos de saúde da Grande São Paulo: prevalência e fatores associados. **Rev bras epidemiol.** V.10, n.3, p.310-22, 2007.

DUTRA, M.L.; PRATES, P.L.; NAKAMURA, E.; VILLELA, W.V. A configuração da rede social de mulheres em situação de violência doméstica. **Ciêns Saúde Coletiva.** V. 18, n.5, p.1293-1304, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GODIN, M. **As Cities Around the World Go on Lockdown, Victims of domestic violence look for a Way Out.** 2020. Disponível em: <https://time.com/5803887/coronavirus-domestic-violence-victims/>. Acesso em 15/06/2021.

GOLFIERI, Marília; ANDRIAN, Amanda, 2020. **O aumento da violência doméstica em tempo de covid-19.** Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/fausto-macedo/o-aumento-da-violencia-domestica-em-tempos-de-covid-19/>. Acesso em 13/06/2021.

MARIANI D., YUKARI D., AMÂNCIO T. **Assassinatos de mulheres em casa dobram em SP durante quarentena por coronavírus. 2020.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/assassinatos-de-mulheres-em-casa-dobram-em-sp-durante-quarentena-por-coronavirus.shtml>>. Acesso em: 13/06/2021.

MELO, Bernardo Dolabella et al. (org). **Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia COVID-19: violência doméstica e familiar na COVID-19.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020.

ONU MULHERES. **Acabar com a violência contra as mulheres no contexto do COVID-19.** 2020. Disponível em: <<http://www.onumulheres.org.br/noticias/acabar-com-a-violencia-contra-as-mulheres-no-contexto-do-covid-19/>>. Acesso em: 19/08/2021.

PAULA JUNIOR, G. V. **Crenças de gestores de saúde em relação à violência doméstica.** Dissertação (Mestrado) – Universidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2013.

SANTOS, Luisa Souza; et al. Impactos da pandemia de COVID-19 na violência contra a mulher: reflexões a partir da teoria da motivação humana de Abraham Maslow. **SciELO**, 2020.

STOLZ, S. et al. **Disciplinas formativas e de fundamentos: diversidade nos direitos humanos.** Rio Grande: Editora da FURG, 2013.

VIEIRA, Pâmela Rocha; GARCIA, Leila Posenato; MACIEL, Ethel Leonor Noia. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? **Rev. Bras. Epidemiol.**, vol. 23, 2020.